

## EDITORIAL

*Gabriele Cornelli*

É com grande prazer que apresentamos ao público o quarto número da revista ARCHAÍ, mais uma vez fruto do trabalho do Grupo Archai, cujo compromisso continua sendo aquele de estudar interdisciplinarmente as origens do pensamento ocidental, com a intenção de reescrever a história de nossas idéias e instituições em busca de uma visão mais compreensiva de “quem éramos nós” em nossas origens, para poder compreendermos “quem somos nós” hoje. O lançamento deste quarto número encontra no aniversário de 50 anos de Brasília, cidade onde a revista foi fundada, nos subsolos da Universidade de Brasília, um kairós de especial significado. Ao saber disso, o amigo José Ribeiro Ferreira, poeta e professor da Universidade de Coimbra, nos enviou o poema da grande poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, intitulado exatamente *Brasília*, e que reproduzimos aqui a seguir:

*Desenhada por Lúcio Costa Niemeyer e Pitágoras*

*Lógica e lírica*

*Grega e brasileira*

*Ecumênica*

*Propondo aos homens de todas as raças*

*A essência universal das formas justas*

*Brasília despojada e lunar  
como a alma de um poeta muito jovem  
Nítida como Babilônia  
Esguia como um fuste de palmeira  
Sobre a lisa página do planalto  
A arquitetura escreveu a sua própria paisagem*

*O Brasil emergiu do barroco e encontrou o seu número*

*No centro do reino de Ártemis*

*– Deusa da natureza inviolada -*

*No extremo da caminhada dos Candangos*

*No extremo da nostalgia dos Candangos*

*Atena ergueu sua cidade de cimento e vidro*

*Atena ergueu sua cidade ordenada e clara como um pensamento*

*E há nos arranha-céus uma finura delicada de coqueiro*

(“Brasília”. In Geografia, 1967, p.80).

Brasília, filha de Pitágoras e de Platão, é grega.

Seríamos tentados em fazer uma exegese do poema para mostrar, de fato, quanto de grego e antigo, quanto de Atenas e Roma há no projeto de Brasília. Limitamo-nos a remeter para a memória de Hipódamo de Mileto, matemático, arquiteto e filósofo pitagórico do V século a.C., o mais famoso teórico do urbanismo grego, e o mais antigo de que se tem notícia. Suas plantas urbanas em “grade hipodâmica” apresentavam ruas largas e retas cortando-se em ângulos de 45 e 135 graus. Organizou sua cidade ideal em um sistema tripartido: o terreno se dividia em

seções destinadas à religião, a assuntos públicos e a assuntos privados; a cidade se organizava em seções separadas de artesãos, fazendeiros e soldados. Sim, a idéia de Brasília é tão antiga assim!

*“D’una città non godi le sette o le settantasette meraviglie, ma la risposta che dà a una tua domanda”* - diz Marco Polo, no romance *As Cidades Invisíveis* de Italo Calvino, ao Kublai Khan, Imperador de todo o Oriente, ansioso por conhecer as cidades de seu próprio Império pelas palavras do celebre navegador. Brasília, antes de mais nada, é uma resposta, mais do que concreta, concretista, à pergunta de sempre: como conciliar a geometria utópica, “ordenada e clara como o pensamento” – nas palavras da poetisa portuguesa - , com as formas de vida reais dos homens e mulheres que a habitam? Nós brasilienses vivemos no balanço em que se encontra toda a história do pensamento ocidental entre contemplar e viver: de um lado a cidade parece feita para ser contemplada, como uma obra de arte, do outro queremos vivê-la.

É nosso desejo que a revista ARCHAÍ, em sua busca incessante para compreender nossas origens antigas, possa contribuir para desvendar mais um pouco do mistério que a moderníssima Brasília representa: suspensa, como seus palácios, entre o céu e a terra, entre “essência universal das formas justas” e a “nostálgica caminhada dos candangos”.

# artigos

